

DISCURSO

Izabel da Cunha Dantas

Um resgate parcial da memória do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da EEAN/UFRJ

Maria Madalena de Andrade Santiago

Resumo

Este discurso, proferido por ocasião da posse da 1ª Diretoria do Núcleo de Pesquisa em Enfermagem e Saúde Coletiva (NUPENSC) do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DESP/EEAN/UFRJ), é parte de um estudo em andamento, cujo objetivo é resgatar a memória recente do citado Departamento por meio da trajetória de vida da Professora Izabel da Cunha Dantas, ao mesmo tempo em que lhe presta merecida homenagem. A técnica aplicada para captar as informações foi a história de vida. As fontes primárias incluem o dossiê de aluna, arquivado no Centro de Documentação/EEAN, e entrevistas com a própria Izabel, com professoras, ex-Coordenadoras de Ensino de Graduação e ex-Diretoras da EEAN, professoras de outras Instituições e familiares. O texto apresenta aspectos de experiências discentes e docentes vividas pela professora no âmbito da saúde pública, assim como algumas conquistas.

Palavras-chave: Memória – Enfermagem – Saúde Pública

Considerações iniciais

Nesta ocasião em que toma posse a 1ª Diretoria do Núcleo de Pesquisa em Enfermagem e Saúde Coletiva (NUPENSC) do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DESP/EEAN/UFRJ), quero agradecer pelo convite e dizer que me sinto honrada em compartilhar parte do que descobri através da trajetória de vida da professora Izabel da Cunha Dantas.

Assim, tracei como objetivo resgatar parcialmente a memória do Departamento da Enfermagem de Saúde Pública (DESP) da EEAN/UFRJ, por meio da história de vida da referida Professora. Cabe esclarecer que este texto é parte de um estudo em andamento, sendo assim, nem todas as informações obtidas estão mencionadas.

No sentido de assegurar que os fatos importantes de sua vida ligados à Enfermagem de Saúde Pública fossem registrados, entrevistei a própria professora, professoras aposentadas do DESP, professoras aposentadas de outros Departamentos da EEAN, ex-Coordenadoras de Ensino de Graduação, ex-Diretoras da EEAN/UFRJ, ex-alunas, enfermeiras e Professoras da ENSP/FIOCRUZ e familiares, perfazendo um total de 11 entrevistas. Como algumas pessoas não se sentiram à vontade durante a gravação, optei por registrar as informações durante o encontro. Todas que concederam entrevista concordaram com a divulgação. Posteriormente, as gravações foram transcritas.

Izabel Dantas, mestra de muitas gerações de enfermeiras, mulher atuante, generosa, inteligente e com visão de futuro, exerceu a chefia do Departamento de Saúde Pública, por mais de uma década, desde a criação

dos departamentos na EEAN. Teve, entre outros, o mérito de trazer para o Rio o primeiro Curso de Enfermagem do Trabalho e defender o reconhecimento do título de Especialista em Enfermagem do Trabalho.

Listar todas as qualidades de Izabel descritas pelas entrevistadas tornaria esta exposição monótona. Assim, decidi pinçar alguns aspectos que pudessem mostrar como Izabel compreendia e transmitia a Enfermagem de Saúde Pública, numa concepção de Saúde Pública como dever do Estado e direito do cidadão.

A formação profissional - o início da trajetória na saúde pública

Izabel, a segunda filha de João Francisco Dantas e Maria Izabel Batista da Cunha¹, viveu a infância e a adolescência na cidade de Floriano, no interior do Piauí, onde nasceu. Seu pai era maçom, e ela conta que gostava tanto da maçonaria que chegava a ler os livros, às escondidas de sua mãe, católica fervorosa, que na sua opinião poderia ser considerada beata.

Na Escola Normal, em Floriano, sempre esteve entre as primeiras colocadas. Seu desejo de aprender a levou à Teresina, para concluir o curso na Escola Normal Oficial do Piauí. Ao chegar, logo fez amizade com os estudantes do Liceu, gostava de organizar festas com a intenção de integrá-los. Terminado o curso em 1938, retornou à sua cidade natal.

Tinha o sonho de ser professora, lá mesmo no interior, onde seu pai tinha possibilidades de lhe conseguir uma colocação. Entretanto, o destino lhe reservara outro caminho. Ao chegar, descobriu que seu pai não poderia mais conseguir-lhe o emprego prometido, "essas coisas de política", segundo ela. O cargo estava reservado para outra candidata. Mesmo assim, decidiu permanecer em Floriano.

Essa fase durou pouco tempo, pois logo recebeu um comunicado do Governador do Estado do Piauí informando a abertura de dois novos cursos na Capital: um de Visitadora Sanitária e outro de Educação Física. Conta que a Enfermeira responsável pela organização do Curso de Visitadora Sanitária era a Professora da

EEAN Dr^a. Haydée Guanais Dourado. Sempre muito ativa, Izabel prontamente inscreveu-se nos dois cursos. A partir desse momento, não precisava preocupar-se tanto em buscar trabalho porque receberia uma bolsa de estudo.

As aulas teóricas dos cursos aconteciam na Escola Normal Oficial, onde ela havia estudado. Ao se dar conta da impossibilidade de frequentar os dois cursos, optou pelo de Visitadora. Em sua opinião, sempre foi uma pessoa de muita sorte. Ao concluir o Curso, foi escolhida para ser a oradora da turma, e como havia passado em 1º lugar foi elogiada por seu desempenho nas matérias teóricas e nos estágios, sendo homenageada pelo Diretor da Escola Normal. Sua modéstia e simplicidade fizeram-na chamar de sorte seu esforço pessoal e inteligência para alcançar o 1º lugar na turma.

Terminado o curso em 1939, foi convidada pelo Secretário de Saúde para trabalhar em Teresina, com o Diretor do Departamento de Saúde do Estado Dr. Sotero Vaz, atuando no Serviço e como professora na organização do próximo curso que se iniciaria, sob a supervisão de Dona Haydée Dourado e Dona Carmem. Lembra que foram três anos de muito trabalho. Quando deixou a administração do curso, foi trabalhar no Centro de Saúde como Visitadora Sanitária, onde atuou de 1940 a 1944.

Embora a comunidade local confiasse em seu trabalho e se sentisse realizada na função de Visitadora, sua vontade de crescer profissionalmente a fazia perder o entusiasmo pelo trabalho que vinha desenvolvendo. Ao mesmo tempo, sentia-se estimulada a buscar novos horizontes. Desejava vir para o Rio de Janeiro estudar na Anna Nery.

Para sua alegria, nessa época, nos idos de 40, o Governador do Piauí concedeu quatro bolsas de estudo: para ela, para sua irmã Maria do Carmo da Cunha Dantas, para Elodi Castelo Branco e o para Alburina Lemos. Assim, realizava um sonho, vinha fazer seu curso superior na Escola que queria. A Escola de Enfermagem, criada em 1922 e regulamentada em 1923, era subordinada ao Serviço de Enfermei-

ras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) do então Ministério da Justiça e Negócios Interiores (Carvalho, 1976, p.03).

Chegaram à Escola matriculadas pelo Governo do Estado; segundo conta, foram muito bem recebidas e como tinham o Curso Normal completo foram dispensadas do "vestibular", termo usado por Izabel para se referir ao processo de seleção que, na época, exigia o curso normal ou o ginasial completo.

O primeiro contato com a Escola Anna Nery - a experiência de aluna

A Escola de Enfermagem Anna Nery, padrão para as demais escolas brasileiras, visando preparar adequadamente suas alunas para a assistência, incluía no currículo durante período do curso denominado o preliminar, estágios supervisionados pela manhã e, à tarde, aulas teóricas. Nessa ocasião, os estágios eram remunerados e as alunas exerciam também algumas outras atividades que contribuíam para o aprendizado. Por ter atuado durante um certo período como visitadora sanitária, o interesse de Izabel pela Saúde Pública aguçou-se ainda mais. Assim, sua intenção de permanecer sob a supervisão de dona Isaura Barbosa Lima, outro sonho acalentado, se consolidou.

Examinando sua pasta de assentamento, arquivada no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, constata-se que, desde sua chegada em 23 de março de 1944 até sua formatura em 27 de outubro de 1947, Izabel sempre foi bem conceituada pelas professoras sendo várias vezes avaliada como "excelente", "com espírito de liderança e grande capacidade de direção" e que "prometia ser uma excelente enfermeira". Também era vista como: "boa aluna, tem noção administrativa, sendo este trabalho sua preferência". Na ficha de avaliação assinada pela professora Olga Lacorte, suas médias finais foram todas acima de 9,0 e diversas matérias concluiu com "distinção".

Estava no 3º ano, em 1947, quando dona Laís Netto dos Reys, então Diretora da Escola, organizou em colaboração com o Brigadeiro Eduardo Gomes, Mi-

nistro da Aeronáutica à época, uma caravana denominada "Caravana Anna Nery²" que tinha entre outros objetivos a interiorização de ações de saúde. Essa caravana percorreu as cidades de Pedro Afonso, Porto Nacional e outras, no interior dos Estados do Pará e Goiás, quase na divisa com o Piauí. Sob certos aspectos, poder-se-ia dizer que era semelhante ao que posteriormente existiu com o nome do Projeto Rondon, hoje transformado na Ação Solidária.

Viajaram em um avião da Aeronáutica, pertencente ao Correio Aéreo Nacional, que ficava a disposição do grupo. O bispo de Goiás, Dom Alano do Noday, colaborou muito, pois ele resolvia quase tudo. A Caravana era composta por diversos profissionais como enfermeiras, médicos, dentistas e assistentes sociais. Dona Laís teve a preocupação de organizar um grupo misto, havia inclusive algumas Chefes de Serviço de Enfermagem, recorda-se dos nomes de Diva e de Marinete Teles. Também foram selecionados alguns estudantes para aprenderem a trabalhar com comunidade. O entrosamento da equipe era grande, e entre os estudantes de medicina havia um sobrinho de dona Adriana (professora de música, da Escola Ana Néri, que atuou até a década de 70).

Izabel conta que foi indicada para participar da caravana porque se destacava das demais alunas; lembra-se que entre as escolhidas estavam também a Elodi e a Zilah. Sempre muito esperta e curiosa durante o vôo, foi chamada por dona Laís para sentar-se na poltrona ao seu lado. Lembra de um pequeno incidente ocorrido durante o percurso, o embarque entre os passageiros de um indivíduo aparentando sofrer de distúrbio mental, possivelmente infiltrado no grupo. Os estudantes brincavam dizendo que Izabel o havia atraído porque durante o vôo ele lhe ofertara refresco e lanche. Antes de pousarem no destino final, o passageiro foi desembarcado.

No meio da viagem, após decolarem de Teresina, a aeronave apresentou um problema que obrigou o piloto a realizar um pouso forçado na cidade de Pedro Afonso. Muito comunicativa, Izabel encarregou-se de fazer o entrosamento com a comunidade local. Ima-

ginando que passariam a noite na cidade, seu espírito da visitadora sanitária ressurgiu. Tratou de levantar os recursos da comunidade. Foi então que encontrou a família de uma ex-aluna, vinda de Floriano, a qual encarregou-se de providenciar junto à população almoço e acomodações para o grupo.

Mas a pane do avião não se resolveu assim tão fácil. Logo, a permanência em Pedro Afonso prolongou-se, ficando na cidade cerca de 10 dias, e sobreviveram com auxílio da população. Declara não se lembrar ter medo de coisa nenhuma, mas afirma: "isto foi uma tragédia". Saíam de casa em casa pedindo o que comer, em geral pediam ovos porque eram mais fáceis de levar "pro" avião e fritar. Dona Laís dizia "mas você é danada heim, Izabel" e ela respondia "eu conheço essa turma", referindo-se ao pessoal de Floriano.

Uma noite, a comunidade organizou uma recepção para os inesperados visitantes, no clube da cidade. Izabel, que costumava usar short, "não tão curtos como os de agora", utilizando seus contatos na cidade, tratou de conseguir uma roupa adequada para a festa. O local do baile era bem distante e tão escuro que precisavam usar lanternas para clarear o caminho. Antes da festa foi oferecido um farto jantar, onde serviram leitão e muito mamão. Mal o baile começou, foi a primeira a sair dançando, convidada pelo Prefeito da cidade; o contraste do casal provocava risos, ela bem baixinha, ele muito alto e forte. Já era madrugada quando o baile terminou. No dia seguinte, grande parte do grupo passou mal em consequência do jantar, mas a festa tinha sido divertida. Como ainda permaneceriam na cidade por mais dois dias, pela manhã voltou a bater de porta em porta pedindo ovos.

Finalmente, o avião foi consertado e partiram rumo à cidade de Porto Nacional onde foram recepcionadas por D. Alano que providenciou a hospedagem. Dessa vez, ficaram alojadas no convento da cidade. Nesse mesmo dia, organizaram o ambulatório: os consultórios médicos, dentários e o restante dos serviços, cada um recebendo uma atividade. Coube a Izabel trabalhar com a comunidade. A região era habi-

tada por índios, pertencentes à tribo dos Caiapós³. Esta parte, era a mais difícil, ninguém estava acostumado a lidar com os índios. Com um sol quente "de rachar", Izabel não teve dúvidas com Elodi, as únicas que levaram roupa de banho, vestiu seu maiô vermelho e, após cumprirem as atividades estabelecidas pelas professoras, foram tomar banho no rio. Os índios ficaram admirados, queriam tocar em sua roupa. Lembrando do compromisso de atendê-los no ambulatório, intuitivamente aproveitou esse momento de descontração para iniciar o contato com o grupo.

Os índios doentes eram os que mais davam trabalho, porque tinham o costume de ficar nus, deitados à beira da praia do Rio Araguaia. Para conduzi-los aos consultórios que ficavam bem perto, ela os vestia com camisetas grandes, doadas pelo Serviço para esse fim, porém, logo eles se desvencilhavam da roupa. Izabel se recorda que os médicos e dentistas eram os que mais tinham medo dos índios, e por isso, durante o atendimento ela precisava permanecer nos consultórios. Numa tarde, encontrou na tribo uma mulher que havia sido atendida pela manhã, com a perna enterrada na lama até a canela: como os demais, ela acreditava apenas no tratamento recomendado pelo pajé e não no curativo que o médico lhe fizera.

Izabel gostava de passar o dia nesse vai e vem, tentando transmitir ensinamentos aos indígenas, às vezes só voltava ao convento no horário do jantar. Certo dia, os índios a convidaram para almoçar, e mais uma vez ela aproveitou a oportunidade e foi assistir o preparo da refeição. Observou que a comida era cozida numa vasilha grande onde colocavam de tudo um pouco: aipim, banana, abóbora, peixe, etc. Ao receber um espeto para servir-se diretamente na panela, imaginou que não poderia recusar a oferta. Ligeira como sempre "pescou" uma banana.

À noite, voltava para o convento, mas os índios ficavam do lado de fora a chamando "Izabelita", outras vezes eles cantavam, chegando a dizer que ficariam com ela. Todos, inclusive as freiras, ficaram assustados. Certo dia, um padre da região, Frei Luiz, fez uma preleção ensinando ao grupo como lidar com os índios,

alertando-a para que tivesse cuidado, pois corria o risco de ser raptada.

Numa noite, quando todos no convento estavam deitados, ouviram um barulho muito forte. Algumas alunas chegaram a suspeitar que eram os índios, outras que fossem foguetes ou mesmo tiros. As meninas levantaram correndo e foram até a janela do dormitório. Izabel tentava na ponta dos pés ver o que acontecia, mas não via nada. Nesse momento, surgiram dona Laís e dona Isaura⁴ para acalmar a turma dizendo: “não é nada grave, meninas, é a Festa do Divino”; depois disso foram dormir. Bem cedinho, os índios estavam de novo lá fora chamando seu nome, “Izabelita”, e tinham planos para não deixá-la voltar, mas só ela não sabia.

Recorda-se que, enquanto dona Laís, dona Clytemnestra Pessanha e outras denominadas pelas alunas de “estado maior” ficavam à beira do rio, cheias de areia, sem sequer tirar as meias, ela, Izabel, andava de maiô, “prá todo o canto”. Muito embora tivesse um jeito “meio moleque”, as professoras não se zangavam com ela, pelo contrário, percebiam que dessa forma ela promovia o entrosamento com a população e, aos poucos, os outros profissionais de saúde iam aprendendo a usar uma linguagem adequada à comunidade. Rindo, Izabel conta que os profissionais costumavam orientar os clientes para que colocassem fezes nos potes para exame. Eles colocavam de tudo: pedras, folhas, menos fezes. Daí, um dia lhe ocorreu perguntar a alguém mais chegado que nome eles davam às fezes. Logo que passaram a empregar a linguagem dos habitantes da região o problema foi sanado.

Ao deixarem Porto Nacional, na região do Araguaia, foram atuar em outro hospital, dessa vez perto do rio Tocantins e do rio do Sono. Nessa etapa, já mais acostumadas, as professoras também iam tomar banho de rio. Para tanto, usavam camisolões emprestados pelas freiras. Dona Laís sentava-se numa pedra enquanto dona Clytemnestra Pessanha jogava-lhe água nas costas. Certa vez, também se molhou toda. Era tudo muito divertido. Mas, na hora do trabalho, era “fogo”, dona Laís não perdoava; Dona Isaura Barbosa

Lima, que durante muitos anos foi da Saúde Pública, também não, e havia ainda dona Aurora Costa que era da UFF. Todas eram muito boas, mas muito exigentes. Ao retornarem ao Rio de Janeiro, foram homenageadas pelo Reitor Professor Pedro Calmom. Recorda-se que dona Laís contou ao Reitor que os índios apaixonaram-se por ela Izabel, sendo necessária a intervenção de Dom Alano du Noday.

Tempos depois, ainda como aluna, Izabel recebeu uma bolsa da OPAS/OMS. Dessa vez, visitou durante 20 dias, à sua escolha, as Universidades de nove países. Relata que viajava com passaporte oficial e era recebida pelos Reitores. Hospedava-se em belos hotéis. Conheceu as Universidades do Peru, Colômbia, Venezuela e outras. As visitas obedeciam a um programa preestabelecido, iniciando sempre pelo reconhecimento do local e, em seguida, assumia as atividades de saúde: comunitária e em maternidades, era um tipo de treinamento em serviço.

A experiência como enfermeira graduada

Depois de graduada atuou em diversas campanhas como a Campanha de Assistência aos Romeiros, realizada durante três anos, de 1948 a 1951, no centro da cidade de Bom Jesus da Lapa, na Bahia e desenvolvida, sempre no mês de agosto em colaboração com o Ministério da Saúde. A campanha tinha o objetivo de assistir, em ambulatórios completos organizados pelas alunas, os romeiros que chegavam à cidade em caravanas. Para tanto, usavam uma lona, parecida com a de um circo, porém dividida por dentro. Relembra o quanto aprendeu e ensinou nessas viagens, descobrindo na prática a importância da antropologia para a enfermagem.

Em outra viagem à Bahia, em 1949, foi à Correntina. Durante 40 dias acompanhou as alunas, ajudada e ajudando dona Isaura. Atuaram também na Campanha de Combate ao Tracoma, e mais uma vez em colaboração com o Ministério da Saúde. Como tinha muito conhecimento e amizades dentro do Ministério em geral, Izabel era a responsável pelos contatos

com o pessoal. Esta é uma característica marcante de sua personalidade, apontada pelas entrevistadas, a capacidade de fazer e conservar amigos.

As viagens à Araraquara-campo de estágio para a habilitação em Saúde Pública

Izabel recorda com prazer as viagens que fez durante oito anos à Araraquara, no Estado de São Paulo, supervisionando alunas de Habilitação em Saúde Pública em campo de estágio. A primeira turma foi em 1967. Essas viagens duravam cerca de 15 dias, sempre a convite do Dr. Rodolfo Mascarenhas, do Serviço de Saúde Pública de São Paulo. Nesse local funcionava um Centro Escola, o serviço era muito organizado, o que facilitava a experiência das alunas; na opinião de Izabel, “o trabalho era lindo”. O programa previa a realização de atividades docentes, como aulas teóricas e supervisão, e atividades discentes.

A Chefe do Serviço de Enfermagem do Centro de Saúde, Maria de Lourdes elaborava um plano de atividades para as estudantes desenvolverem junto à comunidade. A cidade era toda dividida em áreas e cada aluna tinha um trabalho determinado, atuando em locais como: Jardim Brasil, bairro Periférico da Vila Santana e outros. Primeiramente, as alunas realizavam o diagnóstico da região e à noite todas se reuniam para discutir os resultados. Entre as experiências práticas previstas para as alunas, no programa constavam: entrosamento com a comunidade, levantamento de necessidades de saúde, socio-econômicas, atendimento de enfermagem e palestras dirigidas à população.

O relacionamento existente entre o grupo da EEAN e a Prefeitura de Araraquara, para atendimento das necessidades identificadas pelas estudantes de enfermagem, tornava o trabalho gratificante. Na primeira vez em que o estágio foi realizado o trabalho desenvolvido pelas alunas foi um pouco diferente; sendo aquele o primeiro, o diagnóstico da comunidade necessitava ser o mais completo possível e, por-

tanto, mais complexo; além disso, a distribuição das atividades exigia o conhecimento da região. Nas visitas subsequentes, as informações precisavam ser apenas atualizadas em reuniões com os líderes comunitários e o pessoal da vereança. Os vereadores davam todo o apoio de que necessitavam.

Izabel guarda com cuidado os documentos que comprovam as atividades desenvolvidas pelas alunas e aproveita o momento para mostrá-los a mim. Relata que naquela ocasião, tanto a viagem como as demais despesas tudo era patrocinado pela Reitoria da UFRJ, desde o ônibus, que ficava à disposição do grupo com motorista e tudo. Uma vez, conta, “quem dirigiu o ônibus foi o “seu” Candinho”, referindo-se ao Sr. Cândido, motorista que durante muitos anos serviu à Direção da Escola. Entre as alunas que passaram por Araraquara, destaca os nomes de Lourdes Hoyer (que, depois de casada, passou a chamar-se Lacorte) e Marlene; ambas depois de formadas, tornaram-se professoras do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública.

Após a suspensão das visitas à Araraquara, as professoras passaram a utilizar como campo de estágio para as alunas de Graduação e de Habilitação em Enfermagem os Centros de Saúde do Município do Rio de Janeiro, onde estagiaram em quase todos, desde que oferecessem boas experiências. Uma entrevistada recorda que Izabel estimulava a utilização de outros campos; por isso estagiaram em Queimados, Rio das Ostras e no CENEC (Escola da Comunidade) da Ilha do Governador, onde permaneceram por 12 anos.

A criação do curso de Enfermagem do Trabalho

Na década de 70, o aumento da incidência de acidentes de trabalho obrigou o governo brasileiro a adotar uma política de redução de acidentes. Assim, o Ministério do Trabalho, através da FUNDACENTRO⁵, realizou uma reunião com empresários e profissionais de saúde, no Hotel Nacional no Rio de Janeiro. Para essa reunião foram convidados o médico Dr. Estrela e a professora de enfer-

magem Luiza Aparecida, do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica (DEMC/EEAN), a qual convidou, Izabel que, por sua vez, levou Marlene Moraes Santos e Maria de Lourdes dos Santos Lacorte, ambas já professoras do DESP. A Professora Theresinha Nóbrega, da Faculdade de Enfermagem/UERJ também participou da reunião. Izabel conta que, talvez por referir-se a acidentes, o convite tenha sido encaminhado apenas ao DEMC e não também ao DESP.

Posteriormente, em maio de 1973, quando o DESP recebeu o convite para indicar duas professoras para o curso de formação de Coordenadores de Cursos de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho, com duração de 15 dias, em São Paulo, financiado pela FUNDACENTRO, Izabel designou as professoras Maria Consuelo Craveiro e Maria de Lourdes, que seriam as multiplicadoras aqui na Escola e no Rio. Inicialmente, o curso pretendia preparar auxiliares de enfermagem do trabalho.

Ao retornarem avaliando que o nível exigido no curso era muito elevado para os auxiliares de enfermagem, as professoras decidiram em conjunto ajustar o conteúdo e planejarem o desenvolvimento de dois programas: um para auxiliares no início do ano e outro para enfermeiros do trabalho, realizado no período de outubro a dezembro de 1974.

Assim, o 1º Curso de Especialização para Enfermeiros do Trabalho foi oferecido pelo DESP/EEAN, em 1974⁶. Passado algum tempo, Izabel apresentou um projeto ao Ministério do Trabalho para o reconhecimento do Título de Especialista em Enfermagem do Trabalho e lutou muito para conseguir seu reconhecimento.

Esforçada, procurava manter sua equipe de professoras atualizada comprando a maioria dos títulos publicados; e, para tanto, usava recursos do próprio curso. Desse modo, conseguiu construir uma minibiblioteca temática, quase particular, para os estudantes, que, embora pagassem para freqüentá-lo, não tinham acesso à Biblioteca da Escola que funcionava apenas até às 17:00 horas, enquanto o curso funcionava em horário vespertino.

Sua atuação como chefe DESP

As entrevistadas lembram que, como Chefe do DESP, Izabel teve um papel decisivo, era a saúde pública em pessoa, não só por seu conhecimento, mas pela capacidade de criar coisas novas, de tomar decisões em momentos difíceis. Muito democrática, acreditava em sua equipe; quando alguém apresentava uma proposta inovadora, era capaz de tudo para defender aquela idéia, sendo "é uma mulher avançada no tempo".

Até a gestão da Professora Maria Dolores Lins de Andrade, como Diretora da EEAN em 1968, havia na Escola apenas uma Coordenação de Ensino sob a supervisão de Olga Salinas Lacorte e uma Coordenação de Estágio sob a supervisão de d. Anna Jaguaribe da Silva Nava. Nessa ocasião, foram criados os Departamentos, e Izabel assumiu como a 1ª Chefe do DESP, sendo eleita por 5 mandatos consecutivos (Coelho, 1997, p.62). Participou ativamente do planejamento e organização dos Cursos de Graduação e na implantação da Habilitação em Saúde Pública em 1966, a primeira a ser criada. Desejando oferecer mais informações às estudantes, convidava seus muitos e ilustres amigos para contribuírem no aprendizado. Ela congregava os maiores expoentes da Saúde Pública de instituições como ENSP, SESP, MS e OPAS; entre outros cita os nomes de Elsa Paim, Ernani Braga, Miss Mabel Zapenas e outros que vinham apenas pelo prestígio de Izabel, que gostava de promover a Escola.

Na Pós-Graduação, colaborou no planejamento do "lato sensu" no Curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho. No "stricto sensu", no mestrado, fortaleceu a Área de Concentração em Saúde da Comunidade, onde durante muito tempo ensinou Planejamento no Setor Saúde.

Apesar de todo o vigor demonstrado por Izabel, várias entrevistadas destacam que, a partir dos anos 70, o Departamento de Enfermagem de Saúde Pública mantinha-se com muito esforço; algumas vezes, tinha-se a impressão que as atividades de promoção e prevenção propostas pelo DESP sofriam um certo desca-so, inclusive dentro da Escola, talvez em conseqüência

das novas atribuições dos professores e conseqüente multiplicação de atividades teóricas e/ou práticas, sem o correspondente aumento do número de docentes. Durante esse período, Izabel lutava para que suas colegas de outros departamentos entendessem que a Escola havia sido criada para atender não apenas a uma frente de trabalho, voltada para a assistência individualizada, mas também à saúde da coletividade. Mesmo enfrentando tantas dificuldades, conseguiu enviar duas professoras para cursos no exterior: Lourdes, que cursou Epidemiologia no Uruguai, e Marlene, que estudou Demografia no México.

Essa provável desvalorização interna vivida pela Saúde Pública poderia ser um reflexo do que existia nos serviços públicos, ou porque a própria política governamental proposta já defendesse, naquele período, um modelo de assistência voltado mais para a área hospitalar, ainda que isso implicasse em maiores custos. Nessa ocasião, dizem algumas entrevistadas, era freqüente ver-se funcionários prestes a se aposentar ou então que não cumpriam suas obrigações adequadamente serem encaminhados para trabalhar nos Centros da Rede Pública de Saúde "diziam que lá não havia o que se fazer, só aplicar vacina".

A realidade tornava-se cada vez mais hostil, mas Izabel permanecia sonhadora, tentando preparar professoras e alunos para atuarem nas mais diferen-

tes situações ou frentes de trabalho, e sua dedicação ao ensino da Saúde Pública revela-se no depoimento de uma ex-aluna.

"Izabel Dantas foi responsável pelos meus primeiros passos na Saúde Pública ensinando a teoria e a prática tendo em vista os princípios da ética, da responsabilidade, do amor ao próximo, a visão coletiva para as ações do dia a dia, destacando a família como ponto de partida, ou seja: o elo de ligação entre a equipe de saúde e a comunidade, visando sempre o bem-estar físico, mental e social. Dessa forma, e seguindo os conhecimentos básicos aprendidos com ela, fui sempre bem sucedida nas minhas andanças contínuas de 32 anos nessa área. Tenho imenso orgulho de carregar comigo a postura da verdadeira enfermeira de Saúde Pública herdada da modesta e nobre Izabel Dantas. Obrigada minha querida e inesquecível mestra".

Durante todo o tempo em que chefiou o DESP, sempre manteve a unidade do grupo de professoras. Os almoços em churrascarias eram comuns, principalmente no final do ano. Na década de 80, Izabel ainda poderia continuar lutando, mas preferiu sair de cena e curtir sua merecida aposentadoria. Sempre disposta a uns "drinks" atende com carinho a todos que a procuram em busca de informações que possam promover a enfermagem de saúde pública.

Izabel da Cunha Dantas- a partial rescue of the Public Health Nursing department memory Abstract

This speech, made when the 1st Directory of the Research Center on Nursing and Collective Health (NUPENSC) of the Public Health Nursing Department - Federal University of Rio de Janeiro Anna Nery School of Nursing (DESP/ EEAN/ UFRJ) took office, is part of a current study that aims at the rescue of the recent memory of that Department, through Professor Izabel da Cunha Dantas's life story. At the same time, it pays to her a deserved homage. The story of life methodology was employed to obtain information. The primary sources include her student dossier filed in the

Documentary Center / EEAN and interviews with Professor Izabel Dantas, her relatives, the teaching staff, former coordinators of the undergraduate course, former deans of EEAN and professors of other institutions. The text presents the Professor's experiences as a student and a teacher as well as some achievements in the area of public health.

Keywords: Memory - Nursing - Public health

Izabel da Cunha Dantas- un rescate parcial de la memoria del departamento de Enfermería de Salud Pública de la EEAN/UFRJ

Resumen

Este discurso, proferido en la posesión de la primera Directoría del Núcleo de Investigación en Enfermería y Salud Colectiva (NUPENSC), del Departamento de Enfermería de Salud Pública, de la Escuela de Enfermería Anna Nery, de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (DESP/EEAN/UFRJ), es parte de un estudio corriente, cuyo objetivo es rescatar la memoria reciente del dicho Departamento, a través de la trayectoria de vida de la Profesora Izabel da Cunha Dantas, y al mismo tiempo se le prestar el merecido homenaje. La historia de su vida fue la técnica aplicada para la captación de las informaciones. Las fuentes primarias incluyen el dossier como alumna, archivado en el Centro de Documentación/EEAN y entrevistas con la propia Profesora Izabel, con las docentes, las ex coordinadoras de enseñanza de graduación y ex directoras de la EEAN, con las profesoras de otras instituciones y con los familiares. El texto presenta también aspectos de las experiencias discentes y docentes, así como conquistas vivenciadas por la profesora en el ámbito de la salud pública.

Palabras claves: Memoria – Enfermería – Salud Pública estratégico

Referências bibliográficas

CARVALHO, Anayde Corrêa. Associação Brasileira de Enfermagem. 1926 – 1976: Documentário. Brasília, 1976. 514p.

COELHO, Cecília Pecego. A Escola de Enfermagem Anna Nery: sua história- nossas memórias. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1997. 224p.

Notas

1. Na pasta de assentamento, consta o nome de Maria da Cunha Dantas.
2. Segundo Coelho (1997, p. 53), a Caravana organizada a pedido do Bispo francês Dom Alano du Noday, contou com a presença de alunas da EEAN, beneficiando a prelaia de Conceição do Araguaia.
3. Em Coelho (1997, p. 53), está registrado como índios Carajás.
4. Refere-se a Isaura Barbosa Lima que também participava da Caravana.

5. Fundação criada pelo Ministério do Trabalho para atender às necessidades dos trabalhadores.
6. Embora Coelho (1997, p. 86) registre o primeiro curso em 1976, em 30/06/2000, durante a homenagem à Izabel, as professoras Consuelo Craveiro, a primeira Coordenadora, e Regina Zeitoune informaram que, conforme documentos arquivados no DESP, como a relação dos alunos, o 1º Curso de Especialização para Enfermeiros do Trabalho foi oferecido.

Sobre a autora

Maria Madalena de Andrade Santiago

Doutora em Enfermagem. Mestre em Filosofia. Professora Adjunta aposentada do DESP/UFRJ. Professora Adjunta do DFEN/UERJ.